

“Católico sem jornal é soldado sem armas”: o Protestantismo nas páginas do Correio Riograndense

“Catholic without newspaper is soldier without weapons”: the Protestantism in the pages of Correio Riograndense

Cristine Fortes Lia*

Lucas Fernando Sobroza**

Resumo: Esta análise aborda um conflito religioso envolvendo católicos e protestantes, no Sul do Brasil, publicado no jornal Correio Riograndense, na década de 1940. É possível observar, por meio deste estudo de caso, a tentativa de supremacia católica na vida religiosa brasileira. O periódico analisado, mesmo se caracterizando como uma publicação local, retrata a hierarquia das relações religiosas da primeira metade do século XX. Permite, também, identificar o discurso hegemônico da Igreja Católica no Brasil e na América Latina, com sua vertente intolerante e de combate aos féis de outras correntes cristãs.

Palavras-chave: Protestantismo. Catolicismo. Religião. Conflito. Brasil

Abstract: This study analyzes the religious conflict, involving Catholics and Protestants, in southern Brazil,

published in the newspaper Correio Riograndense, in the 1940s. It is possible to observe, through this case study, the attempt at Catholic supremacy in Brazilian religious life. The analyzed journal, although characterized as a local publication, portrays the hierarchy of religious relations in the first half of the 20th century. It also makes it possible to identify the hegemonic discourse of the Catholic Church in Brazil and Latin America, with its intolerant aspect and the fight against the faithful of other Christian currents.

Keywords: Protestantism. Catholicism. Religion. Conflict. Brazil.

* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora no Curso de História, no Programa de Pós-Graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Pesquisadora no “Instituto Religare”/UCS. E-mail: cfia@ucs.br

** Graduado em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: lucasobroza2@gmail.com

Considerações iniciais

A cidade de Caxias do Sul, situada no Sul do Brasil, é uma região tipicamente católica. A sua identidade da região está consolidada por meio da imagem de *italianidade* e do Catolicismo Romano. Nesse sentido, os que compartilham dessas referências culturais têm maior projeção cultural na localidade. Essa região é o foco de um estudo de caso que tem validade para o Sul do Brasil e, de certa forma, para o território brasileiro como um todo, pois analisa a ideia de *superioridade* religiosa de alguns grupos, em especial, ao de imigrantes europeus e de seus descendentes.

A sociedade brasileira estabeleceu, ao longo de sua história, hierarquias religiosas rígidas, por meio das quais os católicos, em especial os ligados ao catolicismo italiano, mantiveram uma condição privilegiada. A Igreja Católica legitimou-se como igreja oficial¹ e promoveu o combate aos religiosamente distintos. E, considerando-se porta-voz da integridade moral da sociedade, construiu um discurso de deslegitimação *dos* e intolerância *aos* fiéis de outras matrizes religiosas. No Brasil meridional, em vista dos movimentos migratórios, esse ataque atingiu, majoritariamente, os protestantes.

Uma das formas de transmitir esse discurso eram os jornais católicos. Por meio deles eram veiculados ensinamentos sobre ser um bom cristão e as maneiras de identificar e combater as manifestações nefastas de fé. Didaticamente, os periódicos promoviam colunas direcionadas a homens, mulheres e crianças, incentivando pensamentos e atitudes para uma espécie de batalha religiosa, com o intuito de garantir o triunfo do Catolicismo.

O *Correio Rio-grandense* é um típico jornal que promovia esse embate. Assim, este estudo analisa o conflito religioso expresso no periódico, nos anos 1940, contribuindo para a compreensão das relações religiosas no Brasil, dentro da lógica de consolidação de hierarquias e práticas de combates.

A Serra gaúcha dos imigrantes

Entre o último quartel do século XIX e o início do século XX, milhares de europeus, sobretudo italianos, irão se transferir ao Brasil.

Motivado pela crise de mão de obra escrava, o Estado brasileiro deu início a um empreendimento migratório que buscou, na Europa, braços para o trabalho. A maior parte dos imigrantes ficou concentrada no Estado de São Paulo, onde esses imigrantes passaram a trabalhar como assalariados, nas lavouras de café, principal produto da economia brasileira na época. Entretanto, parte dos italianos recém-chegados foi encaminhada para colônias criadas no Sul do País, em terras economicamente ociosas.

A Região Colonial Italiana (RCI) foi criada em 1870. As três primeiras colônias, Dona Isabel, Conde D’Eu e a colônia situada nos fundos de Nova Palmira (atuais Municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi e Caxias do Sul), foram divididas, aproximadamente, em 2.500 propriedades que deveriam ser cultivadas pelos colonos para produzir gêneros alimentícios (GIRON, 2017, p. 45).

Sabe-se que os colonos passaram por longos períodos de dificuldade, ao serem assentados em suas propriedades. Muitas famílias moravam em cabanas de pau a pique, improvisadas. Até que as primeiras colheitas fossem realizadas, pinhões e algumas carnes de caça de animais silvestres fizeram parte da dieta dos imigrantes. As mudas de roupas eram poucas, e as doenças como tifo e tuberculose eram frequentes. Para além das dificuldades materiais, os imigrantes tiveram que se adaptar a um ambiente nada familiar. Apesar de a maioria deles ser de agricultores no “Velho Mundo”, eles residiam, geralmente, em pequenas comunidades aldeãs, saíam pela manhã para trabalhar nos campos e, ao final da tarde, retornavam para seu lar, na companhia de seus vizinhos. Na RCI, a maior parte das propriedades ficava distante do núcleo central de cada colônia. Devido à forma retangular com que as propriedades eram divididas em cada agrupamento, a casa das famílias (construídas próximas da estrada) distavam, pelo menos, 300 metros da de seus vizinhos, o que agravava a sensação de isolamento (DE BONI; COSTA, 1982, p. 80).

O Catolicismo teve um importante papel na identificação cultural e na organização social dos imigrantes. Provenientes de uma Itália politicamente unificada a menos de 20 anos, não havia, entre os italianos no Brasil, um sentimento de pertença nacional, salvo aos cidadãos de estados consolidados há mais tempo, eles, muitas vezes, nem falavam o mesmo dialeto que seus vizinhos.

Entretanto, a religião católica era um elemento compartilhado por praticamente todos os habitantes da colônia; dessa forma, tornou-

se o ponto de convergência das relações comunitárias. Não tardou para que os italianos organizassem capelas em cada légua e travessão. Construídas sem estarem necessariamente vinculadas a uma paróquia específica, esses lugares de culto tornaram-se o centro não só da vida religiosa, mas também da vida social, já que acabaram se tornando o centro da linha ou travessão,² onde eram edificadas. Como eram poucos os sacerdotes católicos no Rio Grande do Sul, geralmente elegia-se um homem com algum conhecimento da Bíblia e da liturgia para ser o responsável pelos serviços religiosos, o chamado “Padre Leigo”. Foi a fé católica que forneceu aos colonos subsídios para reiniciarem, individual e coletivamente, sua existência (DE BONI, 1980, p. 235), e essa se desenvolveu na região com características muito específicas.

No final do século XIX, a situação da Igreja no Brasil era complicada. Em todo o território, havia uma dúzia de dioceses com pouquíssimos sacerdotes para atender à população. No século XIX, o Rio Grande do Sul, assim como o restante do País, recebeu a influência das ideias positivistas comtianas que atuaram fortemente nos meios científico, político e militar. A acolhida dessa doutrina (que possuía forte teor naturalista e anticlerical) pelas elites gaúchas teve, como consequência, a decadência da fé católica no Estado. A atuação dos sacerdotes resumia-se, praticamente, na realização de batismos, casamentos e velórios, e muitos deles viviam de forma desregrada, dedicando-se mais aos negócios, ao álcool e às mulheres do que às suas funções pastorais (DE BONI, 1980, p. 238).

Evidentemente, dentro da hierarquia católica, havia pessoas insatisfeitas com a postura do clero, e buscavam transformar a face da Igreja brasileira. Um conjunto de bispos brasileiros, chamados “reformadores”, buscou alternativas para realizar essa tarefa. Merece destaque D. Cláudio José Ponce de Leão, Bispo no Rio Grande do Sul, que, ao perceber que havia uma disparidade (em parte por conta do intenso fluxo migratório) entre a quantidade de habitantes no Estado e a das novas vocações que eram aqui formadas, concluiu que tal realidade não apresentava perspectiva de alteração do quadro geral a que estava submetida a região. Dessa forma, Ponce de Leão voltou-se para o “Velho Mundo” em busca de apoio. Solicitou aos seus colegas europeus que enviassem padres, contactou as ordens religiosas e pediu que empreendessem missões no Rio Grande do Sul. Ele foi atendido, de

modo que, na primeira década do século XX, já havia aportado no novo mundo: Palotinos alemães, Carlistas italianos, Capuchinhos franceses e muitos outros. Além disso, o clero secular também se fez presente, entre 1875 e 1930, haja vista que mais de 130 padres italianos chegaram nas terras do Sul (DE BONI, 1980, p. 240).

Os religiosos chegavam no Estado gaúcho para realizar duas tarefas: renovar a Igreja decadente e prestar assistência espiritual aos colonos. Conforme exposto acima, as condições adversas da religiosidade praticada nas regiões de população luso-brasileira representavam um entrave à atuação dos missionários. Nas áreas de imigração, contudo, eles encontraram um terreno fértil, com comunidades católicas auto-organizadas e necessitadas de assistência clerical. Esse panorama tornaria a região de colonização italiana (RCI) o berço da renovação católica no Rio Grande do Sul, já que, ali, as ordens iriam se estabelecer, deixando, num primeiro momento, as outras regiões à margem de sua atuação (DREHER, 2007, p. 201).

Na Serra gaúcha, a atuação dos missionários naquela sociedade majoritariamente rural, que antes mesmo de sua chegada já tinha se organizado em torno da religião, desenvolveu, conforme apontam De Boni e Costa (1982), “um clima de cristandade, onde a participação maciça dos fiéis, nas cerimônias da vida religiosa, na frequência aos sacramentos e na internalização de um código de ética católico, fazia recordar os períodos áureos da Igreja Medieval.” O Catolicismo, portanto, teve um papel importante no processo de desenvolvimento da região. De Boni e Costa (1982) apontam que os valores religiosos acabaram por legitimar uma série de valores sociais. Esses foram propagados e assegurados por uma série de dispositivos: as capelas, as escolas religiosas, o catecismo, os noviciados e também o *jornal católico*.

Apesar de a grande maioria dos imigrantes italianos professarem o Catolicismo e de esse ser o objeto de muitos estudos historiográficos, é sabido que, nas levas de imigrantes que vieram para a América, no século XIX, havia também grupos protestantes. Provavelmente, o maior expoente desse movimento tenha sido o grupo de italianos valdenses, composto por 136 pessoas, dentre elas um pastor, que, em 1858, se estabeleceu perto da Colônia de Sacramento, no Uruguai, formando a Colônia Valdense (CONSTANTINO, 2004, p. 85).

O Brasil também recebeu migrantes evangélicos, não de forma tão expressiva quanto no Uruguai, mas, no último quartel do século XIX, famílias italianas e protestantes se fixaram na região de colonização italiana (RCI), no Sul do País. Dalla Chiesa (2014) refere que, em Forqueta Baixa,³ havia duas famílias emigradas da região Nordeste da Itália, mais especificamente, do Piemonte, território que, por séculos, foi o refúgio dos valdenses. Sem condições de seguir praticando sua religião no Brasil, em 1891, esses imigrantes buscariam assistência espiritual em quem a pudesse oferecer.

Um movimento muito semelhante ocorreu, alguns anos antes, na Colônia Dona Isabel. Em 1887, um grupo de imigrantes italianos evangélicos dirigiu-se à comunidade metodista de Porto Alegre, em busca de apoio. As atividades da Igreja Metodista no Rio Grande do Sul remontam a 1875, ano em que João da Costa Corrêa, médico gaúcho, residente em Montevidéu e vinculado à Missão Metodista Norte-Americana na América do Sul, fez uma viagem pelo Estado, distribuindo Bíblias e outros materiais religiosos. Dez anos depois, por ordem de superiores, ele se muda para Porto Alegre, onde inicia, junto com seis pessoas, a primeira Igreja Metodista do Rio Grande do Sul (JAIME, 1963, p. 21-24).

É a Igreja Metodista que irá prestar o auxílio religioso aos italianos, atraindo para a região pregadores de origem italiana vindos do Uruguai (DALLA CHIESA, 2017). Em 1889 é oficialmente fundada a comunidade metodista de Dona Isabel, que, entre 1897 e 1989, finaliza a construção do prédio de sua igreja, que existe até hoje (DALLA CHIESA, 2019). Até o momento, não foi possível precisar o ano exato da fundação da comunidade de Forqueta Baixa, porém, sabe-se que, em 1882, o grupo adquiriu uma pequena capela, que pertencia ao grupo católico da localidade, para a realização de suas atividades. Apesar de terem sido instituídas ainda nas primeiras décadas da ocupação da região, as comunidades protestantes não tiveram um crescimento expressivo em termos numéricos. Em Dona Isabel, por exemplo, nunca representaram mais de 1% da população da localidade urbana.

Essas duas não foram as únicas atividades metodistas empreendidas na região. Houve experiências mais tardias, até a segunda década do século XX, com grupos estabelecidos em Alfredo Chaves (Veranópolis), Conde D'Eu (Garibaldi) e Guaporé. A iniciada em Forqueta Baixa

destaca-se por ter sido a única comunidade organizada no meio rural. Com o avançar do século XX, devido ao intenso êxodo dos membros das famílias que ali congregavam, a comunidade foi enfraquecendo. Esses deslocamentos, contudo, contribuíram para o surgimento de igrejas em Gramado e na área urbana de Caxias do Sul. Nessas duas cidades, bem como em Bento Gonçalves, as atividades metodistas continuam ativas (DALLA CHIESA, 2014).

Graças a uma doação feita pela Igreja Metodista Episcopal do Sul (EUA), a igreja de Caxias, que até 1922 realizava suas reuniões em salões compartilhados, inaugura o seu prédio, na Avenida Júlio de Castilhos, a principal rua dessa cidade (DALLA CHIESA, 2019).

Na década de 40, após o fim da Campanha de Nacionalização empreendida pelo Estado Novo, há a inserção de outra comunidade protestante em Caxias do Sul. Trata-se de algumas famílias teutas, oriundas de regiões de colonização alemã (cidades como Novo Hamburgo e Nova Petrópolis). Sua identidade expressava uma série de inconformidades em relação ao grupo italiano, majoritário na cidade. Antes de se organizarem em comunidades formais, a vida religiosa das famílias alemãs se desenvolvia através de cultos domésticos. Os primeiros movimentos, no sentido de uma organização institucional e de cultos luteranos públicos na cidade, ocorreram somente em meados da década de 40, quando pastores das Igrejas Evangélica Luterana no Brasil (IELB) e da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) visitavam a cidade. O grupo pertencente à primeira denominação oficializou-se em 1944 e, dois anos depois, já possuía capela própria para a realização de seus cultos. O segundo grupo passou a existir, formalmente, em 1948, tendo construído seu templo somente em 1968 (RADÜNZ, 2017). Ambas as comunidades desenvolvem atividades em Caxias do Sul atualmente.

Como visto, o Catolicismo europeu, trazido pelos imigrantes e, principalmente, pelas ordens religiosas e sacerdotes do Velho Mundo, foi um elemento preponderante na formação cultural e social da RCI. Ao mesmo tempo, o Protestantismo já estava inserido na região desde os primeiros anos. A existência de comunidades cristãs não católicas desperta questionamentos acerca da relação entre os dois grupos religiosos. Para investigar essas dinâmicas, a fonte escolhida é constituída pelas edições de um importante órgão

da imprensa local: o jornal *Correio Riograndense*, no período de 1941 a 1944. O recorte temporal escolhido justifica-se, pois o ano de 1941 marca o tempo em que, efetivamente, o periódico passou a ser redigido 100% em português. A escolha de 1944 como limite final foi motivada pelo grande volume de documentação a ser analisada (mais de 150 edições).

O uso de periódicos como fonte para pesquisas históricas, ou seja, para a escrita da História por meio da imprensa, é legitimado pelo movimento da Nova História. Conforme ressalta Capelato (1988, p. 20), o jornal deve ser visto como “fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas”. Além disso, é preciso pensá-lo não somente como registro dos acontecimentos do passado, mas como força ativa na constituição dos nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica (CRUZ; PEIXOTO, 2007).

As edições do *Correio Riograndense* se encontram digitalizadas e disponíveis para acesso *on-line* através do portal do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul CCMCS).⁴ A coleta dos dados foi dividida em duas fases: na primeira, cada uma das 150 edições foi lida, e os trechos nos quais o Protestantismo era mencionado foram organizados em uma tabela; a segunda contou com o recurso da busca textual disponibilizado pelo portal. Foram buscadas palavras-chave como: protestante; Lutero; metodista e outras. Essa etapa adicionou várias ocorrências ao levantamento inicial. Quantitativamente, foi verificado que, no período analisado, há a primeira menção ao Protestantismo a cada três edições, o que demonstra que o assunto era um tema recorrente nas edições do jornal.

O *Correio Riograndense* e a imprensa católica

Em 1904, Frei Bruno de Gillonnay (representante da Ordem dos Freis Capuchinhos), em visita à região, evidenciou a necessidade e manifestou o desejo de instituição de um veículo da imprensa católica na região:

Trabalhamos para estabelecer com simplicidade, no centro da colônia italiana, uma pequena impressora, que levará, periodicamente, no seio das famílias, em sua língua materna, uma página do santo Evangelho, explicada e comentada, uma história edificante, alguns conselhos de agricultura, a indicação de algumas brochuras adaptadas às necessidades dos colonos. Os bons colonos italianos privados de qualquer informação, na solidão dos seus campos aguardam essa impressora com santa impaciência, esperamos que no espaço de um ano, seus desejos sejam satisfeitos (*Apud* COSTA, 1996, p. 492).

A correspondência enviada por Frei Bruno acabou servindo de linha editorial dos jornais católicos que surgiram na região, a partir de 1909. Com avanços e recuos, a imprensa católica se consolidou somente na década de 20, quando a Ordem dos Freis Capuchinhos, sediados em Garibaldi, adquire uma tipografia e passa a publicar o jornal que, posteriormente, adotou o nome sob o qual é aqui analisado.

Por encarnar desde seus primeiros números um espírito combativo e militante, além de nos dar acesso aos valores morais, sociais e políticos afirmados pelos frades capuchinhos na região, o *Correio Riograndense* também deixa pistas para se compreender o que os religiosos católicos pensavam e como se relacionavam com os grupos sociais que não compartilhavam desses mesmos valores.

No período analisado, o jornal contava, aproximadamente, com 15 mil assinantes. Ao analisar os anúncios e necrológicos publicados, é possível inferir que ele circulava pelo menos pelos três Estados do Sul do Brasil. Entretanto, a maior quantidade de assinantes estava na região correspondente às primeiras colônias: Garibaldi, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farrroupilha, etc.

Para melhor entender a linha editorial do *Correio Riograndense* na década de 40, é necessário compreender o processo de romanização da igreja, iniciado ainda no século XVIII. O Ultramontanismo foi um movimento de cunho reacionário que se caracterizou

no âmbito intelectual como uma rejeição à filosofia racionalista e à ciência moderna; politicamente, condenou a liberal democracia burguesa e reforçou

a ideia de monarquia; externamente, também apoiou a centralidade em Roma e a figura do Papa, além de reforçar o Episcopado. No âmbito socioeconômico, condenou o capitalismo e o comunismo, além de evidenciar um indisfarçável saudosismo à Idade Média; em relação à doutrina, “retomou” as principais decisões tridentinas – combate ao protestantismo e ao espiritismo (século XIX) (OLIVEIRA, 2010, p. 148).

O Catolicismo da região de colonização italiana (RCI) foi fortemente influenciado por esse movimento romanizador. As ordens religiosas que ali se instalaram estavam comprometidas com esse projeto e o expressavam através dos institutos de formação religiosa, dos colégios confessionais e da imprensa.

O *Correio Riograndense* era propriedade de uma dessas ordens, seus editores e gerentes eram frades, portanto, não é uma surpresa folhear o jornal e perceber que suas páginas estão encharcado de Ultramontanismo. Além de defender incondicionalmente o Sumo Pontífice, são constantes as colunas destinadas a alertar os fiéis contra os inimigos da Santa Igreja: comunistas, maçons, liberais, protestantes, judeus, espíritas e ateus. É necessário pontuar que, enquanto maçons, comunistas, judeus e liberais são combatidos porque desejam subverter a ordem social estabelecida e implantar seus modelos de sociedade, o mesmo não se verifica em relação aos protestantes e espíritas. Como veremos, os discursos veiculados contra esses grupos são motivados por questões majoritariamente ligadas à esfera religiosa.

Ocultos naquelas florestas imensas, há corações e almas sedentas de santos enlevos. O Missionário Capuchinho que lá esteve, viu tudo isso. Caiu aos vigorosos golpes do machado aquela árvore anósa, foi desfalcada, reduzida em táboas e com elas construído, não um salão metodista ou evangelista, não um esconderijo espírita, não um antro maçônico, não uma oficina dos “CRENTES” mas uma modesta e devota Igreja CATÓLICA, com o seu culto, com os seus santos, sigilos de sua veracidade. E si outros ideais espalhados por espíritos pretensiosos pretendem aí penetrar, saibam eles que por demais tarde lá chegaram (C. R., dez. 1941, p. 2).

Esse trecho faz parte do relato de uma missão capuchinha desenvolvida em uma localidade chamada Linha Vestfália, que foi veiculada no jornal. Apesar de breve, é um trecho rico em significado e conteúdo. O escritor se coloca na posição de narrador e fala sobre a derrubada de uma árvore, que, depois de ter sido transformada em tábuas, foi utilizada na edificação de um imóvel. Em tom triunfal, o autor conta que a construção não é um salão pertencente aos protestantes, mas uma Igreja Católica. Ao ler toda a coluna, é possível notar que é dado mais ênfase ao fato de a capela ter sido o primeiro edifício religioso na região, do que ao efetivo atendimento dado aos “corações e almas sedentas”. O texto evidencia a preocupação com a possível chegada de representantes de outras religiões. Nessa lógica, a capela parece ser um marco com a função de sinalizar aos “espíritos pretensiosos” que pensam em fazer ali suas incursões, que aquela já é uma localidade católica.

O trecho acima é melhor entendido se considerarmos o contexto em que está inserido. Carlos Henrique Ferreira Leite alerta que, ao utilizarmos o documento jornalístico como fonte história, é necessário

pensar o jornal como um produto resultado de conflitos e interesses no interior de uma sociedade, manipulado e produzido dentro de forças conflitantes, sujeito a interferências internas e externas, regulado por leis e regras de conduta, produzindo por um grupo de pessoas para um estabelecido público, em uma situação específica, em um determinado lugar e época, separados ou conectados ao movimento geral, o que faz de cada órgão de imprensa ter características e peculiaridades próprias (2015, p. 13).

Como vimos, de fato, há forças conflitantes dentro da sociedade em que o jornal circula, pois já existem ali outros grupos religiosos que não os católicos. Portanto, a tensão presente no relato da situação da Linha Vestfália não é gratuita, a reportagem reflete os tensionamentos e as disputas existentes na relação dos representantes religiosos católicos com as outras religiões.

Na segunda edição, com o novo nome, isto é, *Correio Riograndense*, foi publicada uma coluna intitulada “Que o Firpo responda” (CR, 17 set. 1941, p. 1). Ela é fruto de uma querela política que se desenrolava, há meses, e era travada entre o *Correio* e *A Época*, folha mantida por

membros da Liga de Defesa Nacional. Firpo era o sobrenome do articulista-nacionalista envolvido na polêmica. Durante esse longo conflito, ele acusava o *Correio Riograndense* de não ser verdadeiramente cristão, já que o que veiculava não condizia com a doutrina do amor e do perdão pregada por Cristo (VALDUGA, 2008, p. 251). Na coluna, Firpo recebe os adjetivos de embusteiro e ignorante religioso, ele é desqualificado por frequentar pouco a igreja e há menção ao fato de o povo dizer que ele era protestante.

Esse exemplo é interessante, pois o texto tem por objetivo ser uma defesa pública do semanário diante de seus assinantes, ao mesmo tempo que ataca e questiona o jornal rival. O protestantismo aparece, na ocasião, para desqualificar o opositor. Se couber ao Firpo a pecha de protestante, como os boatos sugerem, isso basta para retirar toda sua autoridade nas questões religiosas.

Na reprodução de parte de um artigo publicado no *L'Osservatore Romano*,⁵ encontramos algumas pistas que justificam por que “ser protestante” é um desqualificativo. O artigo faz uma apologia à autoridade da Igreja Católica e menciona que ela é a única capaz de “animar, pela sua força juvenil, o velho corpo social da Europa” (p. 1). O continente que sofre as agruras da guerra deve ser resgatado pelo retorno à religião verdadeira, já que foi ela quem “creou a unidade da Europa, e a rebeldia contra o credo de certas doutrinas que dividiram tanto os corpos como os espíritos marcando ao mesmo tempo a decadência do Continente” (CR, 4 mar. 1942, p. 1). Nota-se, no teor do texto, o caráter reacionário: “O passado é romantizado e, no fim, [...] acaba por defender o regresso a uma Idade de Ouro idealizada que nunca de fato existiu” (COUTINHO, 2014, p. 25). Dentro dessa lógica, os protestantes são os grandes responsáveis por destruir o passado idílico da cristandade unida.

Uma edição da seção destinada a didatizar o Evangelho para os assinantes reforça esse pensamento. O semanário reproduz um trecho da parábola da “Cizânia (Joio) e do Trigo”, em seguida apresenta a Santa Igreja como sendo a verdade e o Reino de Deus no mundo, porém adverte:

O inimigo, o demônio, contemplou também as obras de Deus e jurou semear a desordem por toda parte. Ele, o mentiroso passa e repassa neste mundo

“semeando a cizânia no meio do trigo”: grossas mentiras disfarçadas em verdades; belo exterior, porém ôco e podre (CR, 4 nov. 1942, p. 1).

A cizânia, espalhada pelo diabo, prossegue o semanário, é encarnada na figura das pessoas que, enganadas, se tornam inimigas da Igreja. Entre esses inimigos, destaca os hereges que, guiados por ele, como Lutero, recorrentemente os protestantes são rotulados como inimigos de Deus.

Em um artigo (CR, 6 out. 1943) o jornal utiliza um trecho do Evangelho, no qual saduceus e fariseus⁶ se associam, a fim de conspirar contra Jesus. Após narrar o episódio bíblico, os redatores do jornal apontam que a Santa Igreja é a continuação do legado de Jesus na Terra, e que tal qual os inimigos do Messias, seus opositores também, em conluio, continuam a atacá-la.

A ideia de que Lutero e seus seguidores desejavam destruir a Santa Igreja era propagada frequentemente. O reformador é referido como um indivíduo obcecado para derrotar o Papa. Além disso, em sua trajetória, foi tomado por uma “alegria satânica ao queimar sua bula de excomunhão” e, em seu leito de morte, teria enviado uma carta com estes dizeres: “Na minha vida fui a tua peste, ó Papa; na minha morte serei a tua ruína” (CR, 28 jun. 1944, p. 1). Porém, “Poucos dias o pseudorreformista ignominiosamente acabava-se, enquanto a Igreja Católica e seu Pontificado continuam gloriosamente de pé” (CR, 4 nov. 1942, p. 1). O Catolicismo sempre triunfa apesar dos ataques que sofreu.

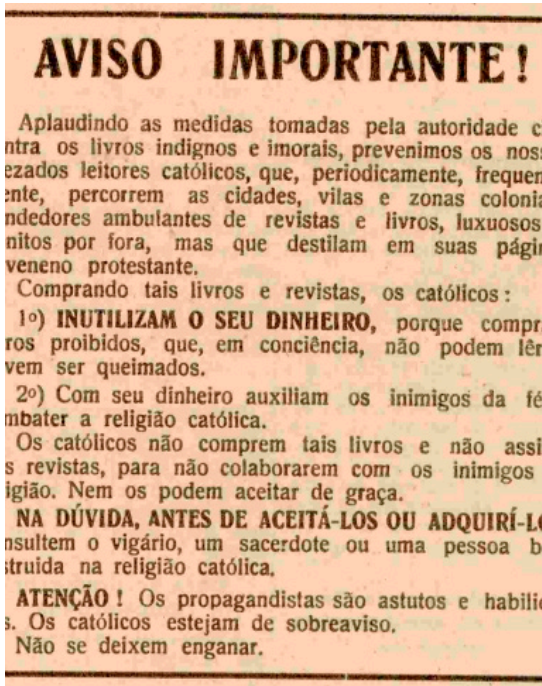
É nítida a estratégia de desmoralizar os protestantes através de ataques aos pioneiros da doutrina. Esses, geralmente, aparecem em publicações destinadas a exaltar a figura do Sumo Pontífice. Ao criticar um livro protestante, os editores do jornal fazem severas críticas ao reformador alemão:

(O livro) está cheio de calúnias contra a Igreja e o Papa; mas é anti-histórico, e de Lutero rebelde, revolucionário, apóstata, libertino, luxurioso, borrachão faz um sem-deus. Um reformador dos costumes; ele, que se insurgiu contra a autoridade eclesiástica... ele, que para dar mais liberdade às suas ignóbeis paixões e por amor duma *costela de Adão* deixou o mosteiro e abandonou o estado-sacerdotal entregando-se às mais baixas devassidões; apresentá-

lo agora como um modelo de honestidade? (CR, 27 maio 1942, p. 2).

Os ataques não são necessariamente à doutrina pregada por ele (apesar de essa ser, como veremos, também alvo das investidas do jornal), mas pessoais. Ao taxá-lo de luxurioso e borrachão e estabelecer como motivação de sua reforma, no lugar de questões doutrinárias e teológicas, a paixão por uma mulher, o jornal busca minimizar a relevância do legado de Martinho Lutero.

Figura 1 – Página do *Correio Riograndense*



AVISO IMPORTANTE!

Aplaudindo as medidas tomadas pela autoridade c...
ntra os livros indignos e imorais, prevenimos os noss...
ezados leitores católicos, que, periodicamente, frequen...
ente, percorrem as cidades, vilas e zonas colonia...
ndedores ambulantes de revistas e livros, luxuosos...
nitos por fora, mas que destilam em suas págin...
veneno protestante.

Comprando tais livros e revistas, os católicos:

1º) **INUTILIZAM O SEU DINHEIRO**, porque compr...
ros proibidos, que, em consciência, não podem lê...
vem ser queimados.

2º) Com seu dinheiro auxiliam os inimigos da fé...
mbater a religião católica.

Os católicos não comprem tais livros e não assi...
s revistas, para não colaborarem com os inimigos...
igião. Nem os podem aceitar de graça.

NA DÚVIDA, ANTES DE ACEITÁ-LOS OU ADQUIRÍ-LO
nsultem o vigário, um sacerdote ou uma pessoa b...
struída na religião católica.

ATENÇÃO! Os propagandistas são astutos e habilic...
s. Os católicos estejam de sobreaviso.
Não se deixem enganar.

Fonte: *Correio Riograndense*, 26 jan. 1944.

É emblemático que os editores do jornal iniciem seu alerta contra livros e revistas protestantes louvando as ações de censura literária perpetradas pelo Estado Novo. Isso permite traçar um paralelo entre as questões políticas e as religiosas. A proibição Vargasista⁷ se propunha “interditar livros e publicações que atentem contra o crédito

do País e suas instituições e contra a moral; combater por todos os meios a penetração ou disseminação de qualquer ideia perturbadora ou dissolvente da unidade nacional” (BRASIL, 1939, p. 29-44). Ora, as publicações protestantes não se enquadravam nas condições expostas pelo decreto, de modo que a responsabilidade de sua censura fugia dos braços do Estado. Dessa forma, cabia às autoridades católicas combater os livros potenciais dissolventes da unidade religiosa da região.

O aviso veiculado nessa edição de 1944 chama a atenção, pois destoa dos elementos gráficos geralmente presentes nas páginas do jornal. As palavras “aviso importante” estão escritas em letras maiúsculas, em negrito, e com um ponto de exclamação. Há uma moldura envolvendo o texto, como forma de destacar ainda mais as orientações dirigidas aos leitores. É referido que essa distribuição de “vã literatura” vem acontecendo de forma constante nas cidades, vilarejos e até mesmo nos circuitos coloniais. As várias edições que contêm seções destinadas ao tema são evidências disso.

“Católicos Atenção!!!” Essa é a manchete que encabeça um texto alertando os leitores sobre o perigo dessas publicações. Nesse texto, os editores do jornal se dedicam a falar sobre a figura dos distribuidores:

Aparecem em vossas casas sob capa de homens honestos e zelosos, propagandistas da boa imprensa, ou, às vezes dizem que são impelidos pela necessidade de ganhar uns cobres para poder custear seus estudos. Cuidado com estes falsos pobres, com estes lobos vestidos em pele de ovelha (CR, 27 maio 1942, p. 2).

Ao se referir a eles como lobos em pele de ovelha, o jornal evidencia o caráter proselitista das atividades de colportagem. Essa característica da atuação do Protestantismo já é conhecida pela historiografia:

[...] as tentativas de propagação do protestantismo estiveram normalmente relacionadas com as atividades de imprensa, o que também pôde ser observado no Brasil, onde as publicações religiosas foram largamente usadas como forma de proselitismo junto à população local à qual os missionários dirigiram-se de forma abrangente (VASCONCELOS, 2010, p. 13).

Os livros protestantes são descritos como artísticos, bonitos e bem-ilustrados, contudo “lá dentro, encontra-se o veneno mortífero e estão repletos das mais horríveis blasfêmias contra Cristo, a sua Igreja e seus ministros”. Além disso, os bons católicos devem se abster de consumir esse tipo de material, caso contrário “eles vos roubarão a coisa mais preciosa que vós tendes: a Fé, vossa única glória e consolação; Fé que sugastes com o leite materno e que jurastes mantêr imaculada a custa de qualquer sacrifício”. Fica evidente que a grande preocupação acerca desses livros e revistas era a de que eles viessem a entrar nos lares dos católicos e serem os responsáveis pela conversão dos fiéis da Santa Igreja ao Protestantismo.

Em uma coluna intitulada “Não pactuar com o inimigo” (CR, 23 fev. 1944, p. 1), o semanário lembra que o desconhecimento acerca da proveniência das publicações é o principal fator que leva os católicos a assinarem jornais e revistas e a comprarem livros. Sugere que, caso alguém os presenteie com obras de teor protestante, essas devem ser devolvidas à redação. Menciona, ainda, que são mais de 134 os títulos das obras redigidas por órgãos dos inimigos do Catolicismo e cita as que são encontradas com mais frequência na região. Nessa lista, podem ser conhecidas publicações com as seguintes denominações: Batista, Adventista, Metodista, Instituto de Cultura Religiosa, Testemunhas de Jeová, e Exército de Salvação. É curioso que, em meio a denominações protestantes, esteja elencado o grupo das Testemunhas de Jeová, que, historicamente, não se identifica dentro dessa categoria.⁸

As divergências teológicas nas páginas do *Correio Riograndense*

O *Correio Riograndense* também se envolve diretamente em debates acerca das divergências teológicas entre o Protestantismo e o Catolicismo. O ponto de partida utilizado para iniciar uma longa seção intitulada “A Salvação é só pela fé ou só pelas obras?” (CR, 22 set. 1943, p. 1) foi um artigo publicado da revista *Igreja Luterana*, editada em Porto Alegre. Nele, a principal doutrina luterana está exposta da seguinte forma: “Nossa Salvação é 100% por graças, 100% por causa de Cristo, 100% mediante a fé.” O *Correio* classifica essa postura como exagerada e se dedica à refutá-la.

Tal debate ocorria entre os dois grupos há mais de 400 anos, e nas páginas do jornal dos Capuchinhos, é travado em duas etapas: a primeira é dirigida aos leitores católicos. O texto tem um tom educativo e parece ter por objetivo assegurar a eles que as doutrinas católicas da salvação são bíblicamente comprovadas. É nítido o esforço didático do articulista, inclusive quando utiliza exemplos: “O demônio não foi condenado por falta de fé. Tinha fé e esta *não lhe bastou* porque suas *obras foram más*”.

Em seguida, houve uma mudança importante no texto. Dessa forma, no novo parágrafo, o até então indefinido interlocutor é substituído pelos “Senhores Protestantes”. Nesse momento, o texto adota uma postura combativa e, para defender a doutrina da salvação pelas obras, cita, diretamente, a publicação luterana e refuta suas “catilinárias”. Ao que tudo indica, o periódico protestante utilizava um discurso agressivo e irônico para rebater o credo católico. Em diversos momentos, o articulista o censura por isso. Reproduz-se, na íntegra, a conclusão da seção:

Felizmente, na prática, os protestantes ensinam também as boas obras. Assim, na mesma revista luterana supracitada, à página 4, 1ª linha diz “o cristão verdadeiramente crente faz boas obras”. Logo eles se julgam falsos...! Assim, tenham os protestantes mais caridade com os católicos que são os lídimos cristãos que Cristo deixou, não sendo simplesmente Papistas, tenham fé e pratiquem boas obras. Só assim serão salvos, pois a fé sem obras é morta (CR, 22 set. 1943, p. 1).

A resposta do periódico é finalizada com uma citação direta da revista adversária que o articulista supõe contradizer à teologia protestante e, em seguida, afirma que os legítimos cristãos são os católicos. O mais interessante desse excerto é o fato de ser admitida a possibilidade de salvação fora da Santa Igreja, desde que os luteranos pratiquem boas obras.

Em um artigo intitulado “Uma contradição protestante”, o jornal dedica-se a refutar outro ponto da teologia adversária: a existência ou não de santos. Novamente, como ponto de partida do debate, está um periódico protestante. Trata-se do *Expositor Cristão*, mantido pela Igreja Metodista. O articulista afirma que leu na folha um discurso

acerca da necessidade de santificação pessoal, e que considera uma grande contradição “querer a causa e não o efeito”. Alude ao fato de os protestantes aceitarem a existência dos Santos da Bíblia (Apóstolos) e que, sendo assim, deveriam também aceitar os posteriores, pois a mesma fé formou ambos. Finaliza com ataques ao grupo rival, os taxa de revoltosos, caluniadores e rancorosos, afirmando que o único cristianismo verdadeiro é o católico, e que os protestantes deveriam seguir o exemplo do recém-convertido “William Orchard, catedrático da Universidade de Oxford, declarando que se fazia católico *para cumprir um dever de inteligência.*”

A falta de unidade do Protestantismo é outro ponto utilizado para maldizê-lo. Segundo o Catolicismo, “Jesus Cristo, para conservar e difundir sua doutrina celeste, fundou a Igreja e lhe deu um chefe, o Papa, no qual se funda e sem o qual ela não pode subsistir” (CR, 30 jun. 1943, p. 1). A figura do Sumo Pontífice é defendida de forma incondicional pelo semanário, que, inclusive, abraça a rotulação pejorativa de *papista*, que é dada pelos seus opositores:

Sou *papista* e disto glorio-me, pois, *papista* quer dizer que minha fé, por meio da série ininterrupta dos Papas, sobe até Jesús Cristo; ao passo que a vossa não vai além de Lutero, Calvino Henrique VIII. Papista quer dizer que pertença à igreja construída sobre a pedra papal, contra qual não prevalecerão as portas do inferno (CR, 15 abr. 1942, p. 1).

Para a redação do jornal, o fato de não reconhecer a autoridade pontifical depõe contra a veracidade do Protestantismo. Um trecho de uma edição sintetiza bem o posicionamento da redação em relação a esse tema:

Jesus fundou sua Igreja sobre o rochedo inabalável, sobre Pedro. Lutero e Cia. sobre a areia movediça da opinião individual. E lá temos o Protestantismo, com suas centenas de seitas discordes entre si, e unicamente unidas em sua luta impotente contra a Igreja da verdade, a Católica. Lá está o Protestantismo a se desmoronar; desmoronamento que não pode ser impedido pelos remendões de novos e falsos profetas. [...] Que alguém conheça o Evangelho e fique ou se dirija para a balburdia protestante, isso não pudemos ainda compreender (CR, 8 julho 1942, p. 1).

Ao negar a autoridade do Papa e a tradição da Igreja, Lutero deu início a uma bagunça religiosa, e a pulverização em diversas “seitas” impossibilita a catolicidade⁹ do Protestantismo. A confusão e a falta de coesão são ilustradas na figura da Igreja Metodista, que, dentro da própria Inglaterra, se subdivide em mais de 15 denominações (CR, 11 out. 1944, p. 1).

Ao adentrar na arena dos debates teológicos, o *Correio Riograndense* parece operar em dois movimentos: o primeiro é defender e rebater os que atacam o Catolicismo. Como vimos, desde quando se chamava *Il Colono Italiano*, o semanário havia se proposto ser o “Advogado dos Católicos”, nada mais coerente, então, que ele assumia a postura de defensor de sua honra e das verdades da Santa Igreja. Essa postura fica evidente quando o periódico cita publicações protestantes e se dedica a refutá-las. Além de servir de resposta às acusações, o jornal afirma aos seus assinantes o compromisso com o amparo à fé que professavam.

Porém, há que se mencionar a função educativa exercida pelo jornal. Ao debater de forma *pública* com os protestantes, ele instrumentaliza seus leitores a fazerem o mesmo. Expondo os pontos *fracos* e as contradições das fés rivais, o jornal dá subsídios aos seus assinantes para que resistam ao proselitismo perpetrado por seus agentes na região.

A preocupação da redação do periódico em educar seus leitores contra a doutrina protestante fica evidente quando constatamos que, entre as ocorrências relacionadas ao grupo, algumas estão na “Seção Infantil”, que, como o nome sugere, veiculava textos para as crianças. “A fé e as Boas Obras” é o título de uma historinha sobre um viajante que, precisando atravessar um lago, recorre aos serviços de um barqueiro, reparando que, em um dos remos, está escrito “boas obras” e, no outro, “fé”, o passageiro questiona o porquê das inscrições. Eis a resposta:

– Repara, meu amigo.

E tomando do remo chamado Fé remou com toda a força. O barco começou a dar voltas sem sair do lugar em que se achava.

Em seguida tomou do remo Boas Obras e remou com a violência. Eis novamente o barco girando em sentido oposto, sem ir para diante.

Finalmente o barqueiro empunhando os dois remos, remou com êles simultaneamente e o barco, impelido

de ambos os bordos, singrou ligeiro as Águas do lago chegando em breve espaço ao seu destino.

E o barqueiro disse ao viajante:

– Este porto denomina-se Salvação. É preciso que a Fé seja coadjuvada pelas Boas Obras para que possamos alcançá-lo (CR, 21 out. 1942, p. 2).

Apesar de essa “historinha” não mencionar diretamente os protestantes, ela trata de uma questão central da divergência teológica do grupo em relação ao Catolicismo. Após reproduzir o texto acima, o jornal tenta apresentar, de forma didática, aos pequenos leitores, os mistérios da salvação por meio de boas obras e finaliza: “Vemos, pois claramente que sem as boas obras, sem evitar o pecado é impossível ao homem salvar-se.”

Em outra edição, o articulista responsável pela seção infantil e – aparentemente bastante afeito ao uso de metáforas com as artes náuticas – conta aos seus leitores uma “historinha” intitulada “Maria protege nos perigos.” Essa, que possui uma carga de emoção maior que a anterior, conta a história de dois meninos: um proveniente de uma boa família católica, e outro que, por ser protestante, “não invocava Maria Santíssima”.

Contra a recomendação das mães, a dupla embarca em uma canoa amarrada à margem de um rio e começa a navegar. Devido à intensa correnteza, os meninos perdem o controle da embarcação. “O menino protestante começou a chorar desesperadamente e queria atirar-se na água; o menino católico procurava tranquilizá-lo como podia e de joelhos na barquinha, pedia socorro à sua doce Mãe do Céu repetindo a Ave-Maria” (CR, 26 maio 1943, p. 2). Felizmente, as preces do bom católico fizeram efeito, e eles foram resgatados por um camponês que, vendo a cena dramática, nadou ao encontro dos garotos e os salvou.

Se a lição pretendida com essa história fosse somente ensinar às crianças a recorrerem em seus momentos de dificuldade para a Virgem Maria, não haveria necessidade de adicionar um personagem protestante. Fica claro que o objetivo da narrativa era apresentar aos leitores mirins a vantagem que os católicos têm em relação aos protestantes, pois podem, em seus apuros, contar com o auxílio da Mãe de Deus.

Encontramos, na seção de noticiários, algumas menções aos protestantes, sobretudo casos onde esses, por alguma razão, entram em atrito com o Estado. A manchete “Condenado um pastor adventista” é o título de um pequeno relato sobre a prisão de Tossaku Kanade, sacerdote de origem japonesa (de Marília, São Paulo) que teria incitado seus fiéis paulistas à desobediência civil ao orientá-los a não trabalhar no sábado em hipótese alguma. Além da pena imposta, que foi de três anos e meio, o *Correio* veicula a causa da condenação proferida pelo magistrado: “Observância de uma religião êxul e altamente ruínosa aos nobres e sagrados interesses da Pátria” (CR, 24 nov. 1943, p. 3).

“Muito bem! Reparado o ato indigno” é o título da coluna que notícia um fato ocorrido em Blumenau – SC. Um pastor presbiteriano, responsável pela direção de um grupo escolar, retirou da parede do estabelecimento um crucifixo. É anunciado que o ato foi profundamente reprovado pela população católica, então, o Interventor do Estado ordenou a recolocação da imagem. O jornal louva sua atitude:

Muito bem! Sirva esta preciosa lição ao infeliz sectário presbiteriano e a todos os iconoclastas heréticos fanáticos, os quais, se pudessem mandariam Nosso Senhor retirar do firmamento de nossa Pátria o *Cruzeiro do Sul*, símbolo da nossa fé católica, apostólica, romana (CR, 21 jul. 1943, p. 3).

Um caso semelhante, ocorrido em Campinas – SP, é veiculado nas páginas do *Correio*. Segundo a redação, os protestantes da localidade protestavam (trocadilho não intencional) às autoridades acerca da colocação de um crucifixo em uma escolar e as demandas para a retirada desse não foram atendidas, pois a resposta da administração municipal veio em tom de zombaria: “Arquive-se. Fico sabendo que o Cristo dos pastores evangélicos é outro que o da Igreja Romana” (CR, 10 maio 1944, p. 3).

Qual é o objetivo dos redatores em veicular tais notícias? Os fatos acima narrados não ocorreram no núcleo de maior circulação do periódico e estão longe de representar notícias de relevância nacional. Capelato e Prado atentam para a necessidade de

entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas

perspectivas que a tomam como mero veículo neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere (1980, p. 19).

A postura hostil do jornal em relação ao Protestantismo nos permite supor que a veiculação dos atritos entre os adeptos desse e as autoridades políticas tinha como objetivo sinalizar aos leitores que a religião não goza de nenhum prestígio por parte do Estado. Apesar de fazerem suas reivindicações pela laicização dos espaços públicos, suas demandas são encaradas como atos ofensivos e iconoclastas, ignoradas pelos administradores públicos.

Outra ocorrência que evidencia a tensão existente entre os cristianismos na RCI está exposta na coluna “Notícias dos Municípios”. Segundo o correspondente do jornal em Alfredo Chaves, um acontecimento deixou toda a paróquia impressionada: o sr. Carlos Alberto Konrath, com 26 anos de idade, natural de Dois Irmãos, Município de São Leopoldo, e aqui residente, abjurou o protestantismo e abraçou a fé católica” (CR, 15 nov. 1944, p. 3).

O sobrenome teuto e o fato de ser oriundo da Região de Colonização Alemã (RCA) podem ser indícios de que Konrath era luterano. Sua decisão foi oficializada com o batismo dele e de seus filhos e, logo depois, foi realizado o seu casamento religioso. O fato de não ser mencionado o batismo de sua esposa pode indicar que esta já havia sido batizada antes, ou que se tratava de um casamento misto. De toda forma, a conversão da família é descrita como uma grande festividade. “O povo quis assistir e [...] prorrrompeu em altas vozes, recitando o Símbolo dos Apóstolos”. De acordo com o correspondente, os padrinhos ofereceram um almoço, que contou com a presença do Padre, do Prefeito, do Juiz e de outras autoridades civis. Por fim, o correspondente relata que o fato de a família ter abandonado o protestantismo pela fé romana “constitui um dia de júbilo para a paróquia, um triunfo para a Igreja Católica”.

A conversão dos protestantes ao Catolicismo é celebrada também naquela que é uma das mais tradicionais seções do *Correio*, os Necrológicos. Em texto publicado no jornal, uma senhora de 63 anos, vítima de uma doença, é descrita da seguinte forma: “A extinta era natural de Bento Gonçalves e deixa 6 filhos e 4 filhas todos casados. Foi sempre esposa e mãe exemplar, prova o fato de ter convertido o marido que era protestante e de ter educado cristãmente os filhos” (CR, 17, fev. 1942, p.

6). É representativo que, dentro de um jornal católico, nas poucas linhas dedicadas a descrever e a louvar a memória da falecida, conste, como prova de seu caráter exemplar, a responsabilidade pela conversão de seu marido, bem como ter educado todos os seus filhos de forma cristã.

É possível que um episódio ocorrido no Município de Bom Jesus e veiculado nas páginas do *Correio Riograndense* seja a mais impressionante das menções ao Protestantismo, visto como inimigo, que foram encontradas no período pesquisado. Reproduz-se a mesma na íntegra:

Campanha da Cruzada Eucarística – No dia 21 de Novembro de 1943, depois da aula de Catecismo, na praça da Igreja Matriz, em meio da algazarra de 200 crianças, foram atirados às chamas e incinerados mais de 60 livros protestantes e espíritas que os Cruzadinhos recolheram pelas famílias. Em memória deste sugestivo acontecimento, foram batidas várias chapas fotográficas. Alguns vendedores de livros protestantes, sabendo do ocorrido, só esperaram pela primeira condução que se apresentou, para chisparem da cidade. (*Correio Riograndense*, 17, fev. 1942, p. 6)

Provavelmente jamais saberemos qual foi o teor da aula ministrada pelo catequista na ocasião. Contudo, dado o desdobramento dos fatos, foi algo capaz de mobilizar as crianças a realizarem um expurgo das publicações protestantes presentes na cidade. Apesar de não ser possível afirmar, é provável que as crianças não tenham sido as idealizadoras da fogueira. Contudo, sabemos que foram elas que recolheram as publicações subversivas e as atiraram ao fogo.

A queima de livros acompanha a humanidade há muito tempo, e muitas podem ser as motivações para o acender das fogueiras.

Pode-se, no entanto, aferir que, grosso modo, os biblioclastas agem visando não apenas destruir objetos físicos, mas, sobretudo, o vínculo que tais objetos estabelecem com uma memória social, com a racionalidade que eles representam, com o patrimônio de ideias e de ideais que encerram em suas páginas e que, de alguma maneira, perturbam a ortodoxia de um sistema dominante e totalitário. A eliminação deliberada de impressos parece falar sobre indivíduos ou grupos de indivíduos interessados em manter, sem

obstáculos, os dogmas de uma concepção de mundo uniforme e autossuficiente (MATOS; CUNHA, 2018, p. 300).

Como vimos, o jornal alertava frequente e enfaticamente seus leitores acerca do perigo que a literatura protestante representava. Os agentes responsáveis pela distribuição eram desacreditados e vilanizados, descritos como aproveitadores e desonestos. Porém, na cidade de Bom Jesus, o combate aos impressos foi elevado a outro patamar: em praça pública, os livros foram fisicamente eliminados. Suas ideias, de fato, perturbavam a ortodoxia do sistema religioso dominante e, instigadas pelos interessados na manutenção dessa, as crianças realizaram o expurgo.

Nos dias de hoje, fogueiras de livros nos remetem ao totalitarismo, à intolerância e ao preconceito. Talvez por envolver os alunos da catequese, esse relato nos cause ainda mais desconforto. Tomando cuidado com análises anacrônicas, mesmo assim salta aos olhos o fato de a “algazarra” ter sido celebrada pela comunidade e pelo jornal. As fotografias que foram tiradas e são citadas no excerto remetem ao caráter festivo do ato, que foi devidamente eternizado através do registro fotográfico. No último parágrafo, vemos que a biblioclastia não apenas foi celebrada, como também foi efetiva, já que resultou na retirada dos vendedores protestantes, que deixaram a cidade amedrontados.

Considerações finais

A fim de melhor compreender os discursos do jornal, é fundamental atentar ao fato de que, como a maioria das religiões monoteístas, para se tornar participante do sistema religioso cristão-protestante, é necessário que haja uma conversão

Entendemos por conversão o sentido de “mudança”, “transformação” tanto no nível de ideias como no nível de práticas. Como descreve Gomes (2011), além daquele que muda de uma religião para outra distinta, “o termo conversão é utilizado também para caracterizar a entrada em uma nova religião, capaz de transformar a cosmovisão do sujeito, mudar a identidade do converso e alterar sua relação com a realidade e o mundo” (FREITAS; HOLANDA, 2014, p. 94).

O indivíduo que se converte ao Protestantismo passa por uma transformação significativa, abandona práticas antigas e adota novas. Dessa forma, um católico que se tornou protestante abandona os elementos religiosos, identitários e sociais imbricados na antiga crença e adota novos. Nessa transição, é muito provável que ele também deixe de assinar o jornal católico.

Por isso, o jornal combate o Protestantismo, atacando-o em termos históricos, taxando-o de inimigo de Deus, apontando as contradições em sua teologia, desmerecendo-o por suas divisões internas e o taxando de inimigo da Pátria. Sua preocupação é educar os leitores, para que não abandonem o Catolicismo. Para isso, o exaltam em oposição a risível fé protestante, que é descrita como fruto de um engano diabólico, inconsistente e que não possui a tradição e a segurança da Igreja milenar.

Vemos a redação do jornal alertando constante e enfaticamente seus assinantes sobre os perigos da literatura produzida e distribuída pelos protestantes. Ao que parece, essa atividade era praticada de forma intensa na região de circulação do jornal, como forma de proselitismo. Portanto, orientar seus leitores sobre como proceder no caso de visita de colportores e o que fazer com os livros, revistas e jornais doados eram formas de evitar que eles tivessem “sua fé roubada”.

As escolhas feitas pelos articulistas a respeito do que é veiculado sobre o Protestantismo em suas páginas são realizadas no sentido de desencorajar o leitor a enveredar para longe do catolicismo. Em suas páginas, o jornal oferece aos seus assinantes razões para continuarem católicos e desqualifica a fé rival, atacando-a e fornecendo aos leitores armas para que defendam sua fé.

Por certo, o discurso do *Correio Riograndense* acerca do Protestantismo não encorajava seus leitores a tratar com tolerância e respeito o grupo religioso minoritário. Afinal, se referia à sua doutrina como sendo: perigosa, inimiga e fruto do engano diabólico. “Católico sem jornal é soldado sem armas”, adágio que serve de título a este trabalho, foi veiculado em inúmeras edições do semanário analisado. Ele serve como uma bela ilustração para o que encontramos em suas páginas, visto que os ensinamentos e discursos presentes no jornal, se acolhidos pelos seus leitores, poderiam se tornar escudos para defender sua fé e espadas para atacar o grupo rival.

Referências

- BRASIL. Decreto-Lei n. 5.077, de 29 de dezembro de 1939. Aprova o regimento do Departamento de Imprensa e Propaganda. *Diário Oficial [da] União*, Rio de Janeiro, RJ, 29 dez. 1939. Seção 1, p. 29.444.
- CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto; Edusp, 1988.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. O que aconteceu com os valdenses? Italianos e italianos no Brasil meridional. In: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio; POZENATO, José Clemente (org.). *Cultura, imigração e memória: percursos e horizontes: Projeto Ecirs 25 anos*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004. p. 178-188.
- COSTA, Rovílio. A imprensa católica nas colônias italianas. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria A. B. (org.). *Imigração italiana e estudos italo-brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p. 492-500.
- COUTINHO, João Pereira. As ideias conservadoras: explicadas a revolucionários e reacionários. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo: PUC, n. 35, p. 253-270, 2007.
- DALLA CHIESA, Vicente. A Igreja Metodista na antiga Região Colonial Italiana do nordeste do Rio Grande do Sul. In: RAMOS, E. H. C. L. et al. (ed.). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FESTAS, COMEMORAÇÕES E REMEMORAÇÕES NA IMIGRAÇÃO e SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, 21., 2014, São Leopoldo. *Anais [...]*. São Leopoldo: Oikos, 2014.
- DALLA CHIESA, Vicente. Apontamentos sobre a história da comunidade metodista de Forqueta Baixa (Serra gaúcha). In: WEIZENMANN, Tiago; SANTOS, Rodrigo dos; VON MÜHLEN, Caroline (org.). *Migrações históricas e recentes*. Lajeado: Editora da Univates, 2017. S/P
- DALLA CHIESA, Vicente. Os primeiros templos metodistas da Região Colonial Italiana da Serra gaúcha (1887-1900). In: KARSBURG, Alexandre; VENDRAME, Máira Ines. *Variações da micro-história no Brasil: temas, abordagens e desafios*. São Leopoldo: Oikos, 2019. S/P
- DE BONI, Luis A. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: LANDO, A. M. et al. (ed.). RS: imigração & colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- DE BONI, Luis A.; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1982.
- DREHER, Martin N. Imigração e religião no Rio Grande do Sul do século XIX. In: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto. *Imigração e cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 191-204.
- GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 2017.
- JAIME, Eduardo Mena Barreto. *História do metodismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Moderna, 1963.
- MATTOS, Felipe; CUNHA Maria Teresa Santos. Entre chamas e labaredas: histórias

de fogueiras de impressos em Florianópolis no século XX. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 25, n. 48, p. 299-326, dez. 2018.

OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. O projeto romanizador do século XIX: a expansão das instituições escolares confessionais. *HISTEDBR*, Campinas, n. 40, p. 145-163, dez. 2010.

RADÜNZ, Roberto. Pode ser que não seja essa a verdade: intolerância entre luteranos e católicos em Caxias do Sul – RS. *Interações*, Belo Horizonte: PUC-Minas, n. 22, p. 284-302, 2017.

VALDUGA, Gustavo. *Paç, Itália, Jesus: uma identidade para imigrantes e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930-1945)*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

VASCONCELOS, Micheline R. de. *As boas novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestantes no Brasil (1837-1930)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 2010.

Notas

1. Apesar de o Brasil não ter religião oficial desde o final do século XIX.
2. Como eram chamados o conjunto de linhas imaginárias traçadas para dividir os lotes.
3. Localidade da Colônia Caxias composta pelos travessões: Bohêmia, Perau, 7 Colônias, 4 Colônias, Pedro Guedes e Portugal.
4. Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid>. Acesso em: 26 jul. 2019.
5. Jornal católico diário editado no Vaticano.
6. O jornal aponta que, na sociedade judaica, esses dois grupos eram conflitantes. Os fariseus eram os guardiões das tradições, seguidores rigorosos da lei de Deus e se distinguiam pelo moralismo extremo. Já os saduceus, prossegue, consistiam no partido dos incrédulos, dos liberais e racionalistas, contrários, inclusive, à ideia de ressurreição. É flagrante a tentativa de um paralelismo do grupo fariseu com os protestantes (apego à Bíblia, condutas morais exigentes, etc.) e do saduceu com os maçons.
7. A máquina de censura de livros, montada pelo Estado Novo, consistia em um braço do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), chamado Divisão de Divulgação (DD). As ações do órgão foram analisadas por Oliveira, Silva e Castro (2018).
8. Para mais informações, ver o artigo “As Testemunhas de Jeová são uma religião protestante?” Disponível em: <https://www.jw.org/pt/publicacoes/revistas/wp20091101/As-Testemunhas-de-Jeov%C3%A1-s%C3%A3o-uma-religi%C3%A3o-protestante/>. Acesso em: 26 jul. 2019.
9. O termo deve ser entendido aqui com o sentido de universalidade: um credo que é comum a todas as regiões, classes sociais e etnias